

COMPREENDENDO AS CONSEQUÊNCIAS DO DIAGNÓSTICO ASSERTIVO DA SÍNDROME DE PANDORA E A RESPONSABILIDADE DO MÉDICO VETERINÁRIO

LUÍSA SANTANNA BLASKOSKI CARDOSO¹; BRUNA PORTO LARA²; LANA FERREIRA DA SILVA³; TÁBATA PEREIRA DIAS⁴; MARLETE BRUM CLEFF⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – luisacardoso25@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – brunaportolara@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lanasferreira1@outlook.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – tabatapd@yahoo.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – marletecleff@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os felinos (*Felis catus*) passaram a viver em ambientes intradomiciliares, ficando assim mais suscetíveis ao estresse, ao desenvolvimento de doenças e a problemas comportamentais. O gato, por ser de origem desértica, adaptou-se à baixa ingestão de água, alimentando-se de pequenas presas e assim satisfazendo suas necessidades hídricas, energéticas e nutricionais (PEIXOTO, 2019).

Atualmente, muitos gatos vivem em locais com pouco enriquecimento ambiental e recebem alimentação seca comercial (SCHOLTEN, 2017), sendo predispostos a enfermidades ocupacionais ou ambientais, como a Síndrome de Pandora, também conhecida como cistite intersticial felina ou cistite idiopática (FERNANDES, 2017). A Síndrome é a principal causa de enfermidades do trato urinário inferior dos felinos (DTUIF), onde os principais sinais clínicos relacionados são hematúria, polaciúria, periúria e estrangúria (TEIXEIRA, 2019). O diagnóstico depende dos achados clínicos, laboratoriais, de exames de imagem além de uma anamnese adequada, incluindo questionamentos ao tutor sobre possíveis situações estressantes que podem afetar o paciente, como por exemplo, o manejo e alimentação (LUZ, 2019).

De acordo com Fernandes (2017), o alicerce que mantém a saúde mental e física dos gatos é o bem-estar, sendo assim, é crucial a identificação de fatores que podem estar causando situações de estresse, a fim de que o profissional veterinário desenvolva juntamente com tutores, estratégias que reduzam esse desconforto. Segundo Silva (2017), a investigação clínica aliada ao conhecimento, são essenciais para o diagnóstico assertivo das enfermidades, principalmente aquelas que podem ter origem comportamental, como a Síndrome de Pandora. Nesse contexto, as práticas *CatFriendly* tem se tornado essencial na vida e no atendimento ao paciente felino (DANTAS, 2010). Segundo Luz (2019), é importante a observação do paciente felino de maneira multifatorial, abordando não apenas o estado de saúde físico no momento da consulta, mas também a investigação durante a anamnese com o tutor, e indícios sobre as relações do animal com o ambiente onde vive.

A Síndrome de Pandora pode ser decorrente de mudanças no ambiente e alterações na rotina do tutor e/ou do felino, e como consequência cursar com problemas sociais para o paciente. Segundo a literatura, devido ao difícil diagnóstico e alta taxa de recidiva, a síndrome é considerada uma das principais causas de abandono de gatos a nível mundial, além de causar alterações comportamentais nos animais (FERNANDES, 2017). Por ser subdiagnosticada, é essencial que o médico veterinário, além de ter conhecimento clínico, também seja um mediador de informações durante as consultas, amplificando dados atualizados

sobre o assunto para os tutores, contribuindo assim para o entendimento, diagnóstico e tratamento adequado (TEIXEIRA, 2019).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi relacionar o estresse como principal fator da enfermidade comportamental Síndrome de Pandora, assim como ressaltar a importância de um atendimento especializado em felinos por veterinários atualizados e atentos às particularidades da espécie.

2. METODOLOGIA

No dia 20 de agosto de 2019, foi atendido no Ambulatório veterinário Ceval (HCV-UFPEL), um felino fêmea de 4kg, sem raça definida, com dez meses de idade e castrada. Segundo o relato da tutora, o animal apresentava urina avermelhada e as vezes “com sangue” há 15 dias, além disso, relatou a presença de um “pó” junto à urina.

Após o exame clínico, foi constatado que o animal estava alerta, hidratado, com mucosas róseas e estômago repleto de gases. Foi solicitado exame laboratorial de urinálise para avaliar possíveis alterações. A análise laboratorial evidenciou urina turva, sangue oculto (++) , proteinúria baixa (+), bacteriúria discreta e alguns cristais de estruvita. Devido à suspeita clínica de cistite, o tratamento medicamentoso instituído foi com anti-inflamatório não esteroidal uma vez ao dia, durante 3 dias.

No dia 17 de setembro de 2019, o paciente retornou para o ambulatório após a realização do tratamento, sem apresentar melhora clínica. Nesse momento, a Médica Veterinária observou, durante o exame clínico, que na região cervical do felino havia a marca de uma coleira, e questionou a tutora sobre essa observação, quando foi relatado pela mesma que o animal era mantido preso a uma corrente durante boa parte do tempo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em virtude da percepção da Médica Veterinária durante a consulta, de que a paciente felina passava a maioria do seu tempo presa em uma corrente, houve uma conversa com a tutora sobre sua atitude, sendo que a mesma afirmou que queria evitar a saída da gata para rua, pois esta tentava fugir quando era solta. Segundo a literatura, o entendimento de como o instinto primitivo e o hábito predatório permanecem presentes no comportamento do felino é importante para a escolha da dieta mais assertiva e enriquecimento ambiental adequado, assim possibilitando o bem-estar, evitando problemas comportamentais e proporcionando um estilo de vida mais próximo ao natural da espécie (PEIXOTO, 2019). Sendo assim, fica evidente a necessidade do profissional veterinário quanto a compreensão do comportamento do gato doméstico para que saiba distinguir problemas de origem comportamental e seus distúrbios clínicos associados, daqueles distúrbios clínicos orgânicos de origem não comportamental (SCHOLTEN, 2017).

O tutor deve ser informado da importância de manutenção e enriquecimento ambiental, pois muitas pessoas não sabem que o estresse e mudanças de cotidiano, podem desencadear uma série de alterações e afecções nos felinos. O estresse pode ser desencadeado por qualquer estímulo não familiar ao felino, e tem consequências não somente no comportamento psicológico do animal, como também causa prejuízos a todo o organismo, além de afetar a convivência com o tutor (SCHOLTEN, 2017). Para reduzir o estresse, é necessária a manutenção do bem-estar, que está relacionado às particularidades de cada espécie animal. No

caso dos felinos, tornar o ambiente mais instigante e menos previsível é uma alternativa assertiva, já que atualmente a maioria dos animais dessa espécie vivem em ambientes restritos, sem oportunidade de expressar comportamentos típicos, como por exemplo, a caça (ALHO, 2016). Para transformar um ambiente estressante em agradável, é preciso conhecer as necessidades naturais e comportamentais do felino (TEIXEIRA, 2019).

Á partir do resultado da urinálise, e o retorno da paciente com os mesmos sinais clínicos em período inferior a um mês, foi estabelecido o diagnóstico presuntivo de Síndrome de Pandora. O diagnóstico desta síndrome torna-se complexo devido aos sinais clínicos serem inespecíficos, sendo imprescindível a compreensão não somente dos achados clínicos evidentes, mas também de uma anamnese minuciosa na qual se incluem questionamentos sobre possíveis situações geradoras de estresse, juntamente ao descarte de outras doenças do trato urinário, determinando assim o diagnóstico da enfermidade de origem comportamental (PINTO, 2016; TEIXEIRA et al., 2019).

Estudos indicam que a maioria dos felinos acometidos pela Síndrome de Pandora possui a urina estéril, ou seja, sem presença de bactérias (PEIXOTO, 2019). Neste contexto, o uso racional de antibióticos é essencial, impedindo que a utilização indiscriminada leve à resistência bacteriana. Por esse motivo, a inclusão da DTUIF no diagnóstico diferencial diante de evidências semelhantes às descritas nesse trabalho, aliada ao correto manejo da enfermidade, são de grande importância na responsabilidade do profissional veterinário como agente atuante na Saúde Pública.

A paciente do presente relato, era fêmea com 10 meses de idade, recebia apenas ração seca e, vivia sem nenhum enriquecimento ambiental, o que provavelmente ocasionou os sinais evidentes de Síndrome de Pandora. Segundo a literatura, a enfermidade acomete principalmente felinos machos, na faixa etária de dois a oito anos de idade, com alimentação composta majoritariamente por ração seca, obesos, sedentários e que vivem em um ambiente previsível, sem enriquecimento ambiental (PEIXOTO, 2019), o que está de acordo com os dados observados. Por serem animais extremamente sensíveis ao estresse, os felinos estão sujeitos a qualquer mudança, por mínima que se apresente, seja ela no ambiente, como a alteração do local da caixa de areia ou variação de temperatura, e todos esses fatores são predisponentes ao desenvolvimento de enfermidades do trato urinário (TEIXEIRA et al., 2019).

O médico veterinário tem a função de conscientizar os tutores a partir do momento do diagnóstico, instruindo as melhores condutas a serem adotadas, visto que estas condutas são permanentes, evitando assim maiores complicações. Com isto, além de possibilitar o correto diagnóstico e tratamento, o profissional torna-se capaz de auxiliar na prevenção de problemas futuros que seus pacientes venham a desenvolver, o que em última instância tem uma função social, uma vez que pode impedir o abandono do animal pelos tutores, como já mencionado.

4. CONCLUSÕES

A Síndrome de Pandora requer um olhar minucioso do médico veterinário para felino, avaliando além da anamnese, exames clínicos e complementares, o comportamento do paciente. Sendo assim, o conhecimento das particularidades da espécie é essencial para a conduta assertiva na resolução das enfermidades, possibilitando o desempenho da função social do médico veterinário como disseminador de conhecimentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALHO, A.M., Epidemiologia, Diagnóstico e Terapêutica da Cistite Idiopática Felina., **REDVET**, vol.17, n.11, pp. 1-13, 2016.

DANTAS, L.M.S., **Comportamento social de gatos domésticos e sua relação com a clínica médica veterinária e o bem-estar animal.**, 2010, Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal Fluminense.

FERNANDES, C.M.F., **Síndrome de Pandora: prevenção e tratamento.** Revisão Sistemática. UNESP, Araçatuba, São Paulo, 2017.

LUZ, A.C.G. **Síndrome de Pandora e caminhos para investigação clínica.**, 2019, Monografia (Graduação), Instituto de Saúde e Produção Animal, Universidade Federal Rural da Amazônia. Belém.

PEIXOTO, C.S., Terapias para cistite idiopática felina: revisão de literatura. **Veterinária em Foco**, v.17, n.1, 2019.

PINTO, A. S. S. **Abordagem diagnóstica à doença do trato urinário inferior felino: estudo combinado retrospectivo e prospectivo.** 2016. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016.

SCHOLTEN, A.D. **Particularidades comportamentais do gato doméstico.** 2017, Monografia (Graduação), Universidade Federal do Rio Grande do sul. Faculdade de Veterinária. Curso de Medicina Veterinária.

SILVA, D.S., **Novas diretrizes para o manejo do paciente clínico felino.**, 2017, Monografia (Graduação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TEIXEIRA, K.C.; VIEIRA, M.Z.; TORRES, M.L.M., Síndrome de Pandora: aspectos psiconeuroendócrinos. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 17, n. 1, p. 16-19, 2019.